

ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONTOS “O GATO PRETO”, DE EDGAR ALLAN POE E “O SOLITÁRIO”, DE HORACIO QUIROGA.

Dando início a análise, vê-se que em "O gato preto" há um narrador personagem em quem não podemos confiar, conforme ele mesmo atesta no seguinte trecho: “(...) num episódio que até meus próprios sentidos rejeitam o que testemunharam” (POE, 2012, p. 81). Na trama, o autor Edgar Allan Poe explora temas como culpa, violência e insanidade. A história é narrada em primeira pessoa por um personagem anônimo cuja personalidade se transforma de forma trágica ao longo do enredo. Inicialmente, o narrador revela sua afeição por animais, especialmente por seu gato de estimação, Pluto: “(...) era um animal notavelmente grande e belo, todo negro, e esperto em um grau espantoso” (POE, 2012, p. 82). No entanto, sua dependência alcoólica desencadeia uma mudança drástica em seu comportamento, levando-o a se tornar violento e impulsivo: “Mas a doença tomou corpo em mim – pois que doença se compara ao Álcool?” (POE, 2012, p.83).

No auge da sua degeneração moral, a protagonista cega e enforca cruelmente Pluto, ato que o atormenta com remorso e horror. Entretanto, seu tormento se intensifica com o surgimento inexplicável de um segundo gato com uma marca estranha que se assemelha à uma forca no pescoço. Conforme a narrativa avança, o comportamento do segundo gato, ainda mais perturbador que o primeiro, simboliza a presença do sobrenatural e da própria culpa do protagonista, levando-o ao abismo da loucura e do inescapável destino trágico. Certo dia, a presença do segundo gato quase o fez cair nos degraus da escada, passando por entre suas pernas, o deixou num ápice de loucura. Então, o homem que não sabemos o nome, decide dar um golpe de machado no gato a fim de aliviar todas as suas sombras, no entanto, sua esposa tenta impedi-lo e acaba sendo, acidentalmente, assassinada pelo narrador. Esse momento marca uma virada na trama, levando a violência a um ponto extremo e irreparável: “Mas o golpe foi interrompido pela mão de minha esposa. Instigado por essa interferência numa fúria mais que demoníaca, libertei meu braço e enterrei o machado em seu cérebro. Ela tombou morta imediatamente, sem um gemido” (POE, 2012, p.88).

O desfecho revela um progressivo mergulho na loucura, alimentado por sua crescente embriaguez. À medida que a história avança, ele se torna cada vez mais instável emocionalmente, o que o leva a cometer o terrível ato de assassinar Pluto e, posteriormente, sua esposa. Ele, após pensar muito, esconde o corpo da esposa na parede da casa, mas a presença do segundo gato preto, miando incessantemente atrás da parede, revela o crime. A loucura do narrador é representada de forma intensa e simbólica pelo surgimento do segundo gato preto e

pelas alucinações que ele começa a experimentar incluindo o som persistente do animal miando atrás da parede mesmo depois de ter ocultado o cadáver de sua esposa lá. A culpa lhe atormenta, mas sua mente já está tão deteriorada pela insanidade que ele não consegue mais enfrentar a realidade de forma racional. “Eu emparedara o monstro dentro da tumba” (POE, 2012, p. 92).

Abordando a obra de Poe, notamos que sua habilidade em retratar eventos e emoções de forma imparcial é notável. Como Lovecraft (2007) também reconheceu, Poe costura habilmente elementos sobrenaturais em suas histórias, deixando espaço para interpretações racionais, ao mesmo tempo em que mantém uma sensação de inquietante mistério. No decorrer da narrativa, a dualidade intrigante do narrador, exibindo traços humanos e animais, emerge à medida que os eventos cotidianos se desenrolam. Essa complexidade se assemelha a um predador que não apenas caça, mas também brinca com sua presa, como observado por Fisher (2004) em sua análise crítica."

A esposa do narrador é retratada como uma vítima das forças destrutivas que se apoderaram dele. Ela é uma figura passiva e indefesa, cujo destino trágico é selado pela loucura e violência do narrador. O assassinato da esposa mostra como a violência e a deterioração mental do narrador resultam em uma tragédia irreversível: “(...)minha resignada esposa, ai de mim!, era a mais habitual e a mais paciente das vítimas” (POE, 2012, p. 88). Certamente, a morte trágica da esposa é o culminar de uma sucessão de atos violentos, começando com a crueldade contra seus animais de estimação, em especial o assassinato brutal de Pluto. A violência contra os animais de estimação do narrador, pode nos levar ao entendimento de um sinal precoce de sua deterioração mental, pois a crueldade e frieza com os animais pode ser considerada um indicador de uma personalidade perturbada e insensível. No conto "O Gato Preto", a brutalidade para com o gato pode ser vista como um prenúncio da violência maior que será infligida à esposa do narrador. Desse modo, a bebida é apresentada como um fator que impulsiona o comportamento violento do narrador. Ele justifica suas ações monstruosas afirmando que é sob a influência do álcool que sua raiva e seus impulsos maquiavélicos se tornam incontroláveis. Contudo, é válido refletir sobre a natureza violenta já existente dentro dele aguardando uma oportunidade para se manifestar.

Quanto à simbologia do gato preto, o animal é frequentemente associado a superstições e crenças negativas, como azar, bruxaria e o mal propriamente dito. Na tradição popular, o gato preto é considerado um símbolo de má sorte, e sua associação com bruxas na Idade Média o tornou uma figura temida e pejorativa (BRANDÃO, 1986, p. 312). Nesse contexto, encontramos várias personagens que têm o gato preto como animal de estimação, o qual é um

símbolo amplamente associado à cultura popular e às representações de bruxas. Exemplos notáveis incluem as irmãs Sanderson, do filme "Abracadabra" (1993), e Sabrina, da série "O Mundo Sombrio de Sabrina" (2018), que possuem o animal como companheiro fiel. Essas representações contribuem para a construção do imaginário cultural e sua relação com o misticismo e o sobrenatural. Esse estereótipo contribui para reforçar a ideia de que o gato preto é um animal misterioso e sinistro, enraizando-se em nossa cultura como um símbolo carregado de superstições e medos ancestrais. No conto analisado, o gato preto assume um papel simbólico, representando a presença do mal e da própria insanidade do narrador. Sua aparição e persistente miar de trás da parede servem para atormentar ainda mais a consciência culpada do protagonista, indicando que ele não pode escapar das consequências de seus atos terríveis, conforme afirmado anteriormente.

No gênero do fantástico, a fronteira entre o sobrenatural e o racional é intencionalmente mantida ambígua, criando um espaço onde o leitor fica em suspenso quanto à verdadeira natureza dos eventos. Essa ambiguidade é hábil em gerar uma tensão narrativa envolvente e instigar um sentimento de maravilha, já que o leitor se depara com o inexplicável, mesmo quando, no desfecho, uma explicação racional é fornecida. Esta técnica literária oferece uma maneira cativante de explorar o território do desconhecido e do inexplicável dentro da literatura (TODOROV 2008; p. 156-157). De modo geral, o conto de Poe explora a escuridão da alma humana e a relação entre violência e insanidade. Ele nos convida a refletir sobre os aspectos mais sombrios da natureza humana e as consequências devastadoras que podem surgir quando, o vício, a violência e a loucura se entrelaçam. O assassinato da esposa representa a degradação moral do narrador e a perda completa de sua humanidade. Desse modo, o animal é a única testemunha do assassinato de sua esposa.

Por outro lado, "O solitário" é um conto que apresenta um narrador observador que nos envolve através do conflito entre o casal Kassim e Maria. O autor é Horacio Quiroga, que aborda a falta de amor e a obsessão em um relacionamento. A história se concentra em Kassim, um joalheiro doente e solitário, e sua esposa, Maria, que é apaixonada, mas insatisfeita. Ele é descrito como um homem doente e reservado, dedicado ao seu trabalho como joalheiro, enquanto ela é uma mulher bonita e apaixonada que anseia por uma vida luxuosa e cheia de joias. Ambos estão presos em um casamento carente de amor e compreensão mútua, conforme a tensão do diálogo revela:

- Você não é feliz comigo, Maria – expressava depois.

- Feliz! E você tem coragem de dizer! Quem poderia ser feliz com você?... nem a última das mulheres... Um coitado! - terminava com um riso de nervoso, saindo (QUIROGA, 2018, p.48 e 49).

O clímax ocorre quando Maria rouba uma das joias criadas por Kassim e a usa sem permissão. Isso desencadeia um confronto entre eles, revelando a desesperança e a insatisfação de Maria no casamento. A situação piora quando ela exige mais joias e acusa Kassim de roubar sua vida.

[...] Kassim percebeu que faltava um prendedor – cinco mil pesos em dois solitários. Procurou novamente nas gavetas.
- Você viu por aí o broche, Maria? Deixei aqui.
- Sim, vi.
- E onde está? – virou-se intrigado
- Aqui!
Sua mulher com os olhos acesos e a boca debochada, levantou-se com ele (QUIROGA, 2018, p. 51)

O desfecho do conto ocorre quando Kassim, sobrecarregado pelo desespero e loucura de sua esposa, comete um ato terrível e simbólico: ele crava o solitário, a joia que ela tanto desejava, em seu coração. Tal ato não apenas representa a obsessão de Maria pela joia, mas também se torna um símbolo trágico do amor distorcido entre eles. Nesse momento, o coração, frequentemente considerado o símbolo do amor, revela-se vital e, ao mesmo tempo, fatal. O coração, originalmente um símbolo de afeto e vida, transforma-se em um ponto de tragédia quando perfurado pelo solitário. Desse modo, o solitário, uma joia que simboliza o amor e o compromisso, transforma-se em um instrumento fatal quando inserido no coração de Maria. Após o assassinato, Kassim demonstra frieza e falta de remorso ao se retirar silenciosamente, deixando sua esposa morta para trás, como demonstra a passagem do conto:

O rosto de Kassim adquiriu, de súbito, uma dura imobilidade e, suspendendo um instante a joia à flor do seio desnudo, mergulhou - firme e perpendicularmente, como se fosse um prego - o alfinete inteiro no coração da mulher. Houve uma brusca abertura de olhos, seguida de uma lenta queda de pálpebras. Os dedos se arquearam, e nada mais. A joia, sacudida pela convulsão do órgão ferido, tremeu por um instante, desequilibrada. Kassim esperou um momento. E quando o solitário ficou, por fim, perfeitamente imóvel, pôde então retirar-se, fechando a porta atrás de si sem fazer barulho (QUIROGA, 2018, p.53).

Vale destacar que Maria, de acordo com a narrativa, é apresentada como uma mulher de personalidade desafiadora, o que fica evidente em diversas passagens do conto. No entanto, a obsessão de Maria pelas joias assume uma dimensão quase sobrenatural, como o narrador atesta

no trecho: “(...)teve que ir até o quarto para ver sua mulher, que estava em plena crise de nervos. O cabelo tinha se soltado e os olhos saíam das órbitas.” (QUIROGA, 2018, p. 51). Dentro do contexto da representação das mulheres na literatura, "O Solitário" retrata Maria como alguém oprimido pela falta de amor e insatisfeito em seu relacionamento conjugal. Ela sente-se aprisionada em um casamento que não a satisfaz e busca a felicidade e realização pessoal por meio das joias criadas por seu marido.

Em suma, o título da trama apresenta uma ambiguidade significativa. Por um lado, "solitário" se refere a uma joia notável, geralmente um anel, que ostenta uma única pedra preciosa central, transmitindo magnificência e destaque à peça de joalheria. Associado a um símbolo de elegância e luxo, esse tipo de joia destaca a singularidade e o valor intrínseco da pedra, que recebe toda a atenção sem distrações. Por outro lado, "solitário" também abrange o estado emocional do joalheiro, que se dedica ao seu ofício, mesmo sendo casado e, teoricamente, tendo uma companheira. Nesse contexto, o termo evoca uma conotação de solidão e isolamento emocional, sugerindo que, apesar do casamento, o joalheiro parece sentir-se sozinho e possivelmente insatisfeito em seu relacionamento. Essa dualidade no uso do termo "solitário" ressalta a falta de conexão emocional e afetiva entre o joalheiro e sua esposa, revelando uma possível lacuna no relacionamento e uma sensação de solidão interior.

De modo geral, ambos os contos compartilham uma abordagem literária sombria e exploram aspectos psicológicos complexos. As histórias mergulham nas profundezas da mente humana e exploram temas como solidão, violência contra a mulher e deterioração mental. No entanto, as características específicas de cada conto variam de acordo com o estilo dos respectivos autores. Em "O gato preto", temos uma narrativa de um homem atormentado por seus próprios demônios internos, enquanto "O solitário" retrata um personagem solitário, mesmo que casado, assim como o título do conto, que é levado à violência extrema. Os contos, embora distintos e distantes quanto a contextualização histórica, destacam relacionamentos, levando os protagonistas a cometerem atos terríveis contra suas esposas.

A simbologia do "solitário", cravado no coração de Maria, é poderosa e sugere que o ato do marido de dar-lhe o amor que ela tanto ansiava foi destrutivo, representando a manipulação e o controle dos desejos e necessidades dela. Essa ação simbólica demonstra como o protagonista tenta exercer poder sobre Maria, mas, ao fazê-lo, traz a ruína e a tragédia para ambos. A comparação entre o "solitário" cravado no coração de Maria em "O Solitário" e a mulher ferida na cabeça em "O Gato Preto" é muito interessante e pode ser analisada em relação à simbologia do coração e do cérebro, que frequentemente são associados a razão e emoção, e

dominância masculina na literatura. O coração é frequentemente simbolicamente relacionado às emoções, aos sentimentos e ao amor, enquanto o cérebro é associado à razão, ao pensamento lógico e à racionalidade. No contexto dos contos, as mulheres são atingidas em diferentes partes do corpo, sugerindo que os atos de violência afetam tanto as emoções quanto a razão.

De acordo com as contribuições teóricas de Bourdieu (2002), as relações sociais são permeadas pela dominação masculina e pela submissão feminina, mantendo uma dinâmica sustentada pela violência de gênero. Nesse contexto, ocorrem eventos chocantes, como uma esposa sendo atingida na cabeça por um machado e outra sendo violentada com uma joia cravada em seu coração. Além disso, essas personagens apresentam comportamentos distintos: uma sendo paciente e a outra histérica. Os autores conseguem prender o leitor através de uma sequência de imagens intensas. Enquanto Poe envolve o leitor por meio da perturbação psicológica, Quiroga adota uma abordagem mais objetiva e natural, apresentando diálogos em seu conto.

Em conclusão, a abordagem da morte e do morrer na literatura de Edgar Allan Poe e Horacio Quiroga revela a profunda fascinação desses escritores pelos aspectos sombrios e inevitáveis da existência humana, perpassando outros temas, como o vício e a loucura. Nos contos, podemos identificar a presença do amor, da loucura e da morte como temas interligados que contribuem para a complexidade das narrativas. Em "O Gato Preto", o protagonista demonstra inicialmente um amor profundo por seus animais de estimação, especialmente pelo gato Pluto. No entanto, essa afeição se deteriora à medida que sua própria loucura aumenta, levando-o a cometer atos violentos e cruéis contra seus animais e sua esposa. O amor que ele sentia pelos animais se transforma em ódio e, conseqüentemente, em morte. A loucura do protagonista é o combustível por trás das ações trágicas pois sua mente perturbada o impulsiona a cometer atos terríveis. Da mesma forma, em "O Solitário", a trama é permeada pelo amor, representado pelas joias que o protagonista cria para agradar a sua esposa Maria. No entanto, esse amor é distorcido e obsessivo, refletindo a loucura emocional do joalheiro Kassim. Sua insatisfação e obsessão com o trabalho e as joias o levam a um caminho destrutivo, em que seu amor se transforma em violência e morte. O "solitário" cravado no coração de Maria simboliza a manifestação extrema dessa loucura e violência, resultando em uma tragédia fatal.

Ao entrelaçar os temas do amor, da loucura e da morte, esses contos apresentam uma visão sombria e provocativa da natureza humana e das relações interpessoais, convidando o leitor a refletir sobre a complexidade das emoções e a vulnerabilidade do ser humano. Enquanto Poe nos envolve em atmosferas góticas e nos leva a explorar os recantos mais obscuros da

mente humana, Quiroga nos confronta com a morte de maneira mais crua e realista, revelando a fragilidade da vida em situações extremas. Ambos os autores nos convidam a refletir sobre a finitude da vida e a confrontar nossos medos e angústias diante da morte. Suas narrativas intensas e perturbadoras despertam emoções profundas nos leitores, levando-nos a questionar nossa própria existência e a enfrentar a inevitabilidade do fim. Suas obras nos lembram que a morte é uma parte intrínseca da condição humana e nos convidam a contemplar a mortalidade como uma oportunidade para buscar significado e plenitude na vida.

Em suma, a literatura de Poe e Quiroga nos leva a um território desconhecido e perturbador, onde a morte se torna uma presença palpável. Nos dois contos em questão, a morte adquire uma presença concreta e tangível. Essas narrativas exploram de maneira intrincada as interconexões entre amor, insanidade e morte. A deterioração mental dos protagonistas emerge como um elemento crítico, catalisando a metamorfose do amor em ódio e, em última instância, culminando na tragédia da morte. Além disso, a presença de violência nos contos destaca de que forma a insanidade pode induzir a ações extremas e irreversíveis, impactando não somente as vítimas, mas também aqueles que as perpetraram. O que torna a experiência de leitura dos contos de Quiroga singular é a capacidade de proporcionar uma experiência psicológica e estética que culmina em um efeito final de impacto máximo, surpreendendo o leitor e deixando-o sobressaltado. A transcendência de seus finais, é delineada minuciosamente desde as primeiras linhas dessas narrativas, estabelecendo uma base sólida para a narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Vol. I. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CAMARGO, Ailton Luiz. O horror em Horácio Quiroga. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FISHER, Benjamin Franklin. Poe and the Gothic tradition. In: HAYES, Kevin J. (eEd.). The Cambridge Companion to Edgar Allan Poe. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. (p. 72 – 91).

LOVECRAFT, H. P.. O horror sobrenatural em literatura. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

OLIVEIRA, Bruno Silva de et al. Onde o bicho-papão se esconde: o medo dos animais na literatura fantástica. 2014.

POE, Edgar Allan. Contos de Imaginação e Mistério. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

QUIROGA, Horacio. Contos de amor, de loucura e de morte. Tradução: John Lionel O’Kuinghttons. Rio de Janeiro: Hedra, 2018.